



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: “Globalização, Política e Cidadania”

“O INTELLECTUAL ENGAGÉ DOS MOVIMENTOS SOCIAIS”

MEDEIROS, PILAR DAMIÃO DE

Doutoramento em Sociologia e Estudos Germanísticos [Albert-Ludwigs Universität Freiburg]

Universidade dos Açores/NICPRI [FEDER/POCI 2010]

pilarmedeiros@uac.pt

Resumo

Considerando tanto as continuidades e descontinuidades sócio-históricas, políticas e culturais, como também as constantes metamorfoses na esfera pública, este trabalho pretende uma análise comparativa entre o impacto multidimensional da crítica dos intelectuais dos anos 60 e 70 com a primeira década dos anos 2000. Irá, deste modo, averiguar se subsistem algumas nuances do engagement dos intelectuais dos movimentos sociais dos anos 60/70 no papel do intelectual hodierno face às crises emergentes de índole cultural, social, político-económica que - embora motivadas por públicos, interesses e contextos diferentes - tendem a ter algumas características e contornos em comum. Tendo como referência modelos distintos de lutas e movimentos sociais, este artigo procura estudar a relação e/ou transformação da mesma entre activistas e a comunidade intelectual. No entanto, antes de deslindar esta ligação torna-se fulcral compreender a figura e representação do próprio intelectual da modernidade tardia. Ora, e seguindo a tese de Z. Bauman (1987), os intelectuais pós-modernos têm de se cingir ao papel de intérprete, ou seja, “o de traduzir as diferentes tradições [...]”, de traduzir os múltiplos imaginários, repertórios, códigos que florescem diariamente na esfera pública e lutam em paralelo pelo reconhecimento identitário/cultural no campo político. Não obstante, e considerando o actual contexto de agitação social, a intervenção social, cívica e política dos agentes do campo cultural, parece ir para além do papel de mediador, pois retoma o “efeito desestabilizador” (Said, [1993] 2000, p. 157). Em suma, este trabalho ambiciona perceber 1) se os intelectuais recuperaram a sua voz, até agora adormecida, na esfera pública; 2) se têm vindo a contribuir com alternativas sócio-culturais e políticas e até mesmo 3) se têm vindo a fomentar um fórum de comunicação com o intuito de instigar alternativas à alternativa imposta pelo sistema.

Abstract

By taking into account the social, historic, political and cultural continuities and discontinuities, as well as the permanent metamorphosis of the public sphere, this article aims at a comparative analysis of the multidimensional impact of the intellectual critique of the 60's and 70's and that of the first decade of the 2000's. This article therefore aspires at understanding if some of the nuances of the intellectuals' engagement of the 60's and 70's social movements still persist today as regards the role of the contemporary intellectual when facing the emerging cultural, social, political and economic crisis, which – although caused by different publics, interests and contexts – tend to have some characteristics and contours in common. Taking different social movements and battles as a reference, this article seeks to analyse the relation, or the transformation of the relation, between activists and the intellectual community. However, before going into this, it is essential to understand the own image and representation of the late modernity intellectual. According to Z. Bauman (1987), postmodern intellectuals are limited to the role of interpreters, i.e., that of translating “cultural traditions”, multiple imaginaries, repertoires and codes that daily flourish in the public sphere, simultaneously struggling for identity and cultural acknowledgement in the political sphere. Nevertheless, and considering the current context of social unrest, the civic, political and social intervention of cultural actors seems to go beyond the role of a mediator, as it reassumes a “destabilizing effect” (Said, [1993] 2000: 157). In conclusion, this work aims at understanding 1) if intellectuals have reclaimed their voice, so far silent, in the public sphere; 2) if they have been contributing with social, cultural and political alternatives and even 3) if they have been fostering communication forums with the objective of instigating alternatives to the alternative imposed by the system.

Palavras-chave: Globalização; Novos Movimentos Sociais; Novos Movimentos Globais; Intelectuais; Esfera Pública.

Keywords: Globalization; New Social Movements; New Global Movements; Intellectuals; Public Sphere.

Wer sind wir? Wo kommen wir her?
Wohin gehen wir? Was erwarten wir? Was erwartet uns?ⁱ

Ernst Bloch, *Das Prinzip Hoffnung* (1959)

O vocábulo alemão *Unsicherheit* – instabilidade, incerteza, incontingência – é, do ponto de vista sociológico, pertinente para definir as inquietações do Sujeito moderno face às múltiplas perplexidades e riscos da sociedade global (Beck (1986) 1992; Giddens, 2000). A imposição mecânica dos imperativos sistémicos e a crescente colonização da visão monolítica da globalização do capital e das finanças na(s) esfera(s) do Mundo da Vida (*Lebenswelt*) (Habermas, 1981) - fruto do “Consenso de Washington” que liberalizou o mercado a meados dos anos 80 – contribuiu para uma nova era de incerteza e risco social. Tal “dessocialização da economia” accionou, de acordo com Boaventura Sousa Santos ([2001] 2005, p. 40), a metamorfose do cidadão em *homo consumericus*, onde “o critério de inclusão deix[ou] de ser o direito para passar a ser solvência.”

Porém, neste contexto, onde o fundamentalismo do mercado (J. Stiglitz) tende a prevalecer sobre as esferas do mundo social, um discurso de ruptura e novas forças de acção cívica florescem num quadro de resistência alternativo, pois agora à escala mundial. Estes movimentos globais são essencialmente produto da desterritorialização (Bell *et al.*, 1999), da nova sociedade em rede (Castells, 1997) e de um projecto comum de actores plurais que definem as suas causas como globais e organizam campanhas de protesto que atingem mais de uma nação e/ ou organizações governamentais e não governamentais internacionais.ⁱⁱ Os sujeitos colectivos dos movimentos globais (McDonald, 2006 & Wieviorka, 2006), em oposição aos protagonistas dos movimentos sociais de meados dos anos 60 e 70, deixam de ter um Estado-nação como referência. Deste modo, há que reconhecer que a morfologia das novas lutas sociais, embora arquitectada por uma nebulosa massa de actores globais (Wieviorka [2008] 2010, p. 118), tem vindo a contribuir para uma acção diferente de resistência conjunta não institucional e a reforçar a criação de uma nova *Öffentlichkeit* (esfera pública).

Tendo conhecimento da vasta literatura disponível sobre os movimentos sociais (Charles Tilly, 1978; 1980; Alain Touraine, 1981; Doug McAdam, 198; Sidney Tarrow, 1983; Melucci, 1988; Hanspeter Kriesche, 1989; Snow *et al.*, 2004; Della Porta *et al.*, 2009), este artigo não pretende, todavia, uma análise exaustiva sobre a sua complexidade teórica e até mesmo conceptualⁱⁱⁱ, mas tem como objectivo central reflectir, à luz da sociologia dos intelectuais, sobre a intervenção e *engagement* dos intelectuais da contemporaneidade nos movimentos sociais.

Segundo McAdam *et al.* ([1996] 1999, pp. 22-23), os especialistas em movimentos sociais destacam três grupos de factores que explicam o seu surgimento e desenvolvimento: 1) a estrutura de oportunidades políticas e as restrições que os movimentos sociais têm de enfrentar; 2) as formas de organização (formais e informais) e a disposição dos contestatários; e 3) os processos colectivos de interpretação, atribuição e construção social que medeiam entre a oportunidade e a acção. Aquando esta análise, mesmo que breve, sobre os movimentos sociais há que destacar as diferenças substantivas entre três grandes ondas de mobilização: O movimento operário (centrado numa luta de classes); novos movimentos sociais (centrados no sujeito) e novos movimentos globais (centrados em dilemas que abarcam os cidadãos a nível planetário)^{iv}.

Para M. Wieviorka (2008, p. 111), os novos movimentos sociais (NMS) resultam da transição entre o movimento operário de ontem e os novos movimentos globais (NMG) de hoje, entre a sociedade industrial e a sociedade de rede. Neste sentido, enquanto que os movimentos de cariz clássico, “*impregnados de materialismo ontológico e realismo epistemológico*”, onde dominava uma aspiração revolucionária para uma mudança radical (Alexander, 1998), os NMS, i.e., o paradigma dos filhos do Welfare State (Rootes, 1995) ou, nas palavras irónicas de Jean- Luc Godard, dos “filhos de Marx e da Coca- Cola”, não se centra na

redistribuição da riqueza, mas sim na liberdade individual, no reconhecimento de estilos e preferências identitárias. A. Touraine destaca ainda que esta mutação no objecto de resistência foi fruto de uma mudança de paradigma.^v Noutras palavras, enquanto que com o movimento operário emerge o sujeito social, com os ‘novos movimentos sociais’ nasce o Sujeito cultural.

Os múltiplos movimentos da modernidade pós-industrial - movimentos ecológicos, pacifistas, estudantis, feministas, homossexuais, civis, anti-nucleares, regionalistas - interessaram-se sobretudo pela subjectividade dos actores, pessoal e colectiva (Wieviorka, [2008] 2010). Como resultado, Stuart Hall (2003, p. 45) salienta que todos estes movimentos para além de constituírem “o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade – uma identidade para cada movimento”, reflectem igualmente “[...] o enfraquecimento ou o fim da classe política e das organizações políticas de massa com elas associadas, bem como sua fragmentação em vários e separados movimentos sociais” (Hall, 2003, p. 44). Não obstante, uma panóplia de cientistas sociais assume que este avanço excessivo das subjectividades contribuiu para um atrofio e esvaziamento da esfera pública: Enquanto que Z. Bauman ([1999] 2000, p. 71) ataca o excessivo hedonismo impulsionado pelo culto do eu que deu origem a uma agenda pública que se afigura com uma “colcha de retalhos de anseios pessoais”, Offe (apud Bauman [1999] 2000, p. 113) mantém que estes NMS “estão longe de ter desenvolvido um esboço mesmo de programa para a transformação social com o mesmo grau de consistência e abrangência dos movimentos sócio-políticos anteriores”.

Trinta anos mais tarde, com um quadro social, económico e político completamente distinto do dos NMS, surgem os movimentos globais. Já que “[...] estamos num período transicional no que respeita a três dimensões principais: transição no sistema de hierarquias e desigualdades do sistema mundial; transição no formato institucional e na complementaridade entre instituições; transição na escala e na configuração dos conflitos sociais e políticos” (Santos [2001] 2005, p. 62), encontramos um cenário inédito de estratégia de mobilização, acção e resistência.

Ora, e face à vulnerabilidade do sistema político face ao domínio do jugo financeiro, de um mercado sem âncoras e da, até então, atomização social, é evidente o esforço dos cidadãos em repolitizar a esfera pública e de re-humanizar a vida quotidiana. Após a manifestação em Seattle (1999)^{vi}, a luta dos movimentos globais, ou altermundialistas, distingue-se: 1) pelas suas redes de movimentos articulados globalmente; 2) pela criação de fóruns sociais (como por exemplo o Fórum Social Mundial^{vii} e o Fórum Social Europeu) que promovem a globalização por debaixo; 3) pela auto-reflexividade dos seus actores “gloais”; 4) pela possibilidade de criar alternativas democráticas ao neoliberalismo e à crescente iniquidade na distribuição da riqueza e do poder e, finalmente 4) pela construção de uma esfera pública transnacional e cosmopolita.^{viii} Na verdade, e conforme sugere M. Wieviorka (2008, p. 115):

Os movimentos globais não se apresentam, ou não se apresentam somente, sob o ângulo da luta contra a dominação clássica, o seu maior estímulo não é combater as lógicas de exploração. Têm sobretudo sede de construir um outro mundo e de acabar com diversas formas de desprezo e de ignorância que os deixam à parte. É talvez o que explica que tenham dificuldade, quiçá ainda mais do que os ‘novos movimentos sociais’ dos anos setenta, em definir um adversário social.

Tal carácter emancipatório destas lutas progressistas destaca o espírito cosmopolita de uma globalização de-baixo-para-cima. A reciprocidade entre resistências locais e transnacionais tornou-se, deste modo, um aspecto fundamental para os actores sociais definirem a sua acção, de se sintonizarem com outros indivíduos e conceberem uma noção de colectividade. Segundo A. Touraine (2005, p. 37),

O movimento altermundialista ocupa hoje um lugar tão importante como o socialismo nas primeiras décadas da sociedade industrial. Um e outro lutaram e lutam sobretudo contra a direcção capitalista da economia e da sociedade. Um e outro, por conseguinte, atacaram e atacam um modo de desenvolvimento mais do que um tipo de sociedade definido por formas de produção, de organização e de autoridade. O movimento altermundialista exige uma gestão democrática das grandes transformações históricas.

Com o início da crise financeira e económica, atribuiu-se uma importância particular ao crescimento expressivo de fóruns e movimentos de sujeitos que se organizam globalmente por redes. Scherer-Warren (2006, p. 115) afirma que estas redes

[...] por serem multiformes, aproximam actores sociais diversificados – dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações –, e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores. Ainda que esse diálogo não seja isento de conflitos, o encontro e o confronto das reivindicações e lutas referentes a diversos aspectos da cidadania vêm permitindo aos movimentos sociais passarem da defesa de um sujeito identitário único à defesa de um sujeito plural.

Muito genericamente, e em jeito de exemplo desta configuração de actores e sociedade em rede, a 15 de Maio de 2011 o movimento dos “Indignados” – inspirado na obra de cariz panfletário de Stéphane Hessel *Indignez-vous*, (2010, p. 26) e no slogan “criar é resistir, resistir é criar” – mobiliza-se em rede como sujeito plural e sai em massa para as ruas: Madrid aglomerou 50 mil pessoas. Em Agosto e Setembro, os “Indignados” manifestam-se em Paris. No dia 15 de Outubro, Nova Iorque é surpreendida com um movimento com características semelhantes: “Occupy Wall Street” e o dia fica rotulado como o “World Revolution Day”.

Curiosamente, o ressurgir dos movimentos sociais de finais dos anos 90 fez reaparecer a figura do intelectual *engagé*. Porém, esta nova relação dialógica entre activistas e intelectuais veio a pôr em causa o conceito de intelectual “pósmoderno”. É de salientar, que no período entre os NMS e os NMG a figura do intelectual sofreu várias interpretações e críticas. Ora, com a morte de J-P Sartre, do “intelectual total” que, através da imaginação democrática, de um vasto repertório de ideias, avaliações, capacidades e lógicas – divulgava e defendia os valores universais, pulveriza-se aquando a substituição de metanarrativas pelas micro-ideologias, pelos discursos fragmentários, descontínuos e dispersos (Lyotard, 1979) que brotam nos anos 60 e 70. O fim das grandes ideologias contribuiu, por um lado, para o fim do intelectual legislador e, por outro, para a ascensão do intelectual especialista (M. Foucault, 2000) ou do intelectual intérprete que traduz diferentes repertórios, códigos e tradições (Bauman, 1987). Noutras palavras, na era do pósmodernismo, onde “[...] as grandiosas narrativas foram substituídas por situações locais e jogos linguísticos [...] os intelectuais pós-modernos enaltecem a competência, e não os valores universais como a verdade ou a liberdade” (Said [1993] 2000, p. 32).

De facto, a voz do intelectual comprometido só retoma a sua ressonância pública com o despertar das crises e riscos globais da última década. Agora, e parafraseando E. Said ([1993] 2000, p. 49), a sua tarefa é “*universalizar, clara e inequivocamente, a crise, dar uma maior abrangência humana ao que uma dada raça ou nação sofreu, associar essa experiência aos sofrimentos dos outros.*” Esta dimensão autónoma e cosmopolita do intelectual vem, assim, marcar a ruptura tanto com os argumentos de J. Benda (1927); N. Chomsky (1969) e R. Jacoby (1987 [1990]) que proclamavam a traição do intelectual, ou, até mesmo, com a visão de Fuller (2004) que anunciava o seu fim. Aliás, o trabalho de reconstrução do objecto na sociologia dos intelectuais deverá apoiar-se na proposta de Fleck et al. (2009, p. 1) que, ao rejeitar o diagnóstico do declínio dos intelectuais, propõe uma análise sobre a sua transformação:

Over the years, new groups of intellectuals have entered the public arena while older ones have disappeared [...] the twentieth-century intellectual is very different in his or her aspirations and functioning role when compared to the type that more than a hundred years ago was emerging.

É sabido que desde o *Affaire Dreyfus* em 1894, o papel e representação do intelectual tem sido alvo de grande discussão (de J. Benda a A. Gramsci, de C. W. Mills a P. Bourdieu, de K. Mannheim a Z. Bauman, de N. Bobbio a N. Chomsky e a E. Said). Contudo, o papel dos intelectuais dos movimentos sociais do século XXI já não se enquadra nem na visão do intelectual clássico, carismático e comprometido com os valores universais, nem na representação restrita do especialista defendida por M. Foucault. Parece-nos, assim, que o

contributo de P. Bourdieu - que concebeu o conceito de “campo” de forma a quebrar com a visão dos intelectuais como actores desinteressados que prestam homenagem somente ao mundo das ideias^{ix} - é um dos que melhor demarca as novas formas de resistência e luta do intelectuais do movimento. Como resposta à questão “Os Intelectuais estão fora do jogo?”, Bourdieu (1983, p. 70) sustenta que

[...] é importante que o espaço onde é produzido o discurso sobre o mundo social continue a funcionar como um campo de luta onde o pólo dominante não esmague o pólo dominado, a ortodoxia não esmague a heresia. Porque neste domínio, enquanto houver luta, haverá história, isto é, esperança.

Consciente da relevância dos intelectuais no mundo contemporâneo, o sociólogo assume em *Contrafogos 2* (2001, p. 23-24) que estes são “indispensáveis à luta social” e faz um apelo aos “intelectuais específicos” para que se reúnam num verdadeiro intelectual colectivo, autónomo, capaz de se aliar aos movimentos sociais. Segundo o Bourdieu (2001, p. 25):

[...] o intelectual colectivo [...] pode organizar ou orquestrar a busca colectiva de novas formas de acção política, de novas maneiras de mobilizar e de fazer trabalhar em conjunto as pessoas mobilizadas, novas maneiras de elaborar projectos e de os realizar em comum. Pode desempenhar um papel de parteiro, assistindo a dinâmica dos grupos em trabalho no seu esforço por exprimirem, e no mesmo acto descobrirem, aquilo que são e aquilo em que poderiam ou deveriam tornar-se, e contribuindo para a recollecção e para a acumulação do imenso saber social sobre o mundo social do qual este preenche. Poderia assim ajudar as vítimas da política neoliberal a descobrirem os efeitos diversamente refractados de uma mesma causa nos acontecimentos e nas experiências na aparência radicalmente diferentes, sobretudo para aqueles que os vivem, que se encontram associados aos diferentes universos sociais [...] de uma nação ou de nações diferentes.

Assim, o intelectual colectivo do século XXI deve assumir-se como um contra-poder e, nas palavras de Fernando Savater (*El País*, 25.02.2012), deve tomar a seu cargo o esclarecimento de temas políticos e sociais no espaço público:

Los intelectuales son escritores, profesores y artistas que quieren hacerse oír fuera de sus áreas de trabajo sobre cuestiones políticas y sociales. Deberían aportar al debate público argumentos o propuestas que trascendiesen las cautelas del pragmatismo político habitual, para así enriquecer la comprensión y no la confusión o la simplificación de esos temas.^x

Deve, deste modo, estar envolvido numa potencial mudança qualitativa e instigar - numa época de crise, de angústia, de desespero e de incerteza - reflexão, recapitulação sobre o estado das coisas. Pois um momento de crise, assevera Z. Bauman ([1999] 2000, p. 146) é também um “*momento de reprodução e auto-renovação*”. É, geralmente, um momento onde novos laços de solidariedade e reciprocidade tendem a florescer e onde a luta social tende a ser reconhecida como extensão da democracia.

A consolidação da crise global, aliada ao inconformismo social e ao reaparecimento da voz do intelectual na esfera pública, deu origem a um novo espaço dialógico e de convergência entre uma grande variedade de resistentes revoltados com o poder da nobreza financeira mundial que domina todas as esferas do mundo da vida, com as assimetrias sociais e com a fragilidade política que está, simultaneamente sobrecarregada de problemas e demasiadamente vazia de pensamento (Morin, 1997, p. 22).^{xi} Ante este panorama de injustiça social, o intelectual deve assim ser capaz de agir, pois compreender não é suficiente.^{xii} Para além de ter de adequar o seu discurso à heterogeneidade de repertórios sócio-culturais que transpiram na democracia das ruas (J. Miller, 1994) e de costurar alianças sociais que transcendem as barreiras nacionais, deve também ter a capacidade de projectar as vozes do movimento na agenda pública, mediática e arena política. Para J. Alexander (1998),

[...] a ambição de um movimento social deve ser, porém, a de recolocar demandas específicas, tirá-las de instituições particulares para o interior da própria sociedade civil.

Quando os ‘intelectuais do movimento’ são bem-sucedidos nessa tarefa, os movimentos “iniciam uma conversação com a sociedade e atraem a atenção dos seus membros para uma compreensão mais global de sua causa. Quando isso acontece, o problema e o grupo que o acciona entram definitivamente na vida pública.

É importante realçar a acção de um grupo de intelectuais que, ao longo da última década, tem vindo a explorar a esfera pública transnacional a partir de locais privilegiados de resistência, nomeadamente, através da imprensa internacional - *Frankfurter Allgemeine Zeitung, Die Zeit, El Pais, The Guardian, The New York Times*, entre outros. Nestas circunstâncias, e considerando a velocidade dos novos fluxos de informação, os intelectuais conseguem, com muito mais facilidade, dinamizar o conflito e, inclusive, globalizá-lo.^{xiii} Segundo N. Bobbio (1997, pp. 93-94):

Os meios com os quais os intelectuais podem tornar conhecidas e fazer valer as suas próprias idéias [...] são enormes. Nenhuma comparação possível entre o tempo em que Sócrates se entretinha com os amigos, os discípulos ou os alunos, em um diálogo íntimo, e o nosso tempo, no qual um artigo publicado em qualquer jornal pode ser lido imediatamente por milhares de pessoas ou uma aparição na televisão pode ser vista por milhões. Nosso auditório dilatou-se desmesuradamente. De limitado a uma região, a um território, a uma cidade, tornou-se nacional [...] De nacional, torna-se, em alguns casos, quase internacional, graças à rapidez das traduções e à rapidez das comunicações.

J. Habermas e J. Derrida souberam tirar proveito destes mecanismos mediáticos com o intuito de provocar uma maior consciencialização no cidadãos, neste caso Europeus. Daí podermos afirmar que um dos momentos mais marcantes de resistência na Europa do século XXI ocorre em 31 Maio de 2003, quando J. Habermas com a co-assinatura de J. Derrida publica o artigo “February 15’ or what binds Europeans together: A plea for a common foreign policy, beginning in the core of Europe” no *Frankfurter Allgemeine Zeitung* contra o pragmatismo político dos governantes Europeus e contra a invasão dos EUA no Iraque. Esta intervenção pública ocorre após milhões de Europeus terem se manifestado em massa contra a hegemonia norte-americana. Como consequência, um grupo de intelectuais Europeus: Umberto Eco (Italiano), Adolf Muschg (Suíço), Gianni Vattimo (Italiano), Fernando Savater (Espanhol) – solidariza-se com esta revitalização da esfera pública e aceita o desafio de avançar publicamente juízos críticos.

Entretanto, há que destacar dois outros episódios vitais nos quais os intelectuais dinamizaram, via meios de comunicação, uma discussão acesa sobre as posições políticas que têm vindo a arrastar Europa para a desintegração: 1) a publicação do artigo “Rendons l’Europe plus démocratique!” de J. Habermas publicado no *Le Monde* (25 de Outubro, 2011) que denuncia a ruptura entre o povo europeu e nomeia as falhas de uma Europa economicamente moribunda e politicamente frágil – e 2) o recente manifesto “Wir sind Europa”^{xiv} (5 de Maio, 2012), encabeçado por Ulrich Beck e Daniel Cohn-Bendit, enquanto censura a Europa das elites e dos tecnocratas, invoca a auto-reflexividade, liberdade, dignidade e emancipação dos Sujeitos modernos e apela à reconstrução da Europa por baixo.^{xv}

De facto, podemos aferir que o advento do poder da cultura, e dos intelectuais em particular, tem vindo a confrontar, de forma creativa e democrática, a cultura do poder económico e político (Goldfarb, 2012)^{xvi}. Segundo, B. Misztal (2007, p. 4) o compromisso e participação cívica dos intelectuais no espaço público tem vindo a expandir a imaginação democrática e impulsionado uma maior sensibilidade cívica dos cidadãos e líderes. Aliás, na sua obra *Intellectuals and the Public Good*, Misztal confirma que a acção dos intelectuais com qualidades específicas, como coragem e criatividade – foram determinantes na criação do projecto democrático. Conseguimos também identificar no estudo, de cariz misto (quantitativo e qualitativo), de Charles Kurzman e Erin Leahey (2004) que as ondas de democratização no século XX estão directamente relacionadas com a intervenção dos intelectuais: os autores concluem que os países não-democráticos do final do século passado que evidenciavam um maior *ratio* de intelectuais na população experimentaram um processo de democratização consideravelmente mais acelerado do que os países com menor *ratio* de intelectuais na população. Contudo, esta relação próxima entre intelectuais e valores democráticos já havia sido colocada em evidência por N. Bobbio (1997, pp. 58-59) em *Os Intelectuais e o Poder*:

A comunidade dos intelectuais, que é por excelência uma comunidade fora das pátrias, uma comunidade cosmopolita, parece particularmente adequada para intervir no debate sobre esses grandes temas. Quais são esses temas? Creio que são substancialmente dois: a opressão – entendendo como expressão todas as violações dos direitos do homem, à defesa de alguns dois quais (liberdade pessoal, liberdade de pensamento, de imprensa, de religião) os homens de cultura são particularmente sensíveis; e a guerra – entendendo-se na acepção mais ampla para compreender assim as guerras insurrecionais, revolucionárias, civis, de liberdade, etc. Tanto um como outro tema podem se resolver no único grande problema da violência na história, diante do qual o intelectual se ergue como portador das exigências da razão, da verdade, da liberdade, da tolerância, da compreensão, do amor, da piedade.

Este compromisso com a injustiça e opressão social é claramente visível no envolvimento de um grupo de intelectuais no recente movimento norte-americano “Occupy”. A 16 de Outubro, 2011, Yunghi Kim destaca no *The Chronicle* as raízes académicas e o envolvimento de Intelectuais no movimento “Occupy” (Cornel West, Slavoj Zizek, o Francês Fox Piven). Esta realça o discurso do Nobel da economia Joseph Stiglitz, que aquando a sua visita ao “Occupy Wall Street” afirma: “*We are bearing the cost of their misdeeds. There's a system where we've socialized losses and privatized gains. That's not capitalism; that's not a market economy. That's a distorted economy.*”^{xvii} Entretanto, outros membros reconhecidos da academia Americana têm vindo a intervir no movimento como forma de legitimar o mesmo, tanto através de intervenções pessoais: Michael Hardt^{xviii}, Jeffrey D. Sachs^{xix}, Lawrence Lessig^{xx}, como através de uma petição de mais 200 membros da Universidade de Columbia que apadrinham o “Occupy Wall Street”. Uma das intervenções mais carismáticas é a do filósofo Slavoj Zizek que apela a um sentido de responsabilidade social contínuo, que vá para além do delírio do momento.^{xxi}

À luz da reflexão aqui proposta, podemos concluir que os intelectuais do século XXI retomaram o seu “efeito desestabilizador” e ganharam notoriedade nas ondas de contestação social. Parece-nos então que a intervenção social, cívica e política dos agentes do campo cultural da última década já não se ajusta à proposta de Z. Bauman (1987). Pois os intelectuais, com o seu “*spark of imagination in conceiving of alternatives; and a modicum of the courage required for polarizing, provoking, and pamphleteering*” (Habermas, 2009), têm produzido juízos críticos, instigado cada vez mais o debate público, que até então parecia adormecido por uma “visão do mundo” consensual e participado activamente em movimentos sociais. Em suma, e reproduzindo as palavras de S. Nair (1997: 257), tanto os intelectuais, como os cidadãos em geral, terão de recuperar “[...] *a insolência salvadora da luta pela liberdade, pela igualdade e pela solidariedade. Certamente que isto não é a solução para o actual impasse. Mas é a única via realmente humana para sair dele.*”

Bibliografia

Alexander, Jeffrey C. (1998), “Acção Colectiva, Cultura e Sociedade Civil: Secularização, actualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais”, *Revista brasileira Ciências Sociais*. 13, 37 São Paulo.

Bauman, Zygmunt (1987). *Legislators and Interpreters*. Cambridge: Polity.

Bauman, Zygmunt ([1999] 2000). *Em Busca da Política*. Rio de Janeiro: Zahar.

Beck, Ulrich ([1986] 1992). *Risk Society: Towards a New Modernity*. New Delhi: Sage.

Bell, David; McGrew, Anthony G.; Goldblatt, D. & Perraton, Jonathan (1999). *Global Transformations: Politics, Economics and Culture*. Cambridge: Polity.

- Bloch, Ernst (1959). *Das Prinzip Hoffnung*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp.
- Bobbio, Norberto (1997). *Os Intelectuais e o Poder: Dúvidas e Opções dos Homens da Cultura na Sociedade Contemporânea*. São Paulo: Unesp.
- Bourdieu, Pierre (1983). *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Bourdieu, Pierre (1985). The Social Space and the Genesis of Groups. *Theory Soc.* 14: 723-744.
- Bourdieu, Pierre ([1992] 1996). *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*. Lisboa: Presença.
- Della Porta, D. & Caiani, M. (2009). *Social Movements and Europeneization*. Oxford: Oxford UP.
- Eyal, Gil & Buchholz, Larissa (2010). From the Sociology of Intellectuals to the Sociology of Interventions, *Annual Review of Sociology*. 36: 117-137.
- Fleck, Christian; Hess, Andreas & Lyon, Stina (2009). *Intellectuals and their Publics: Perspectives from the Social Sciences*. Aldershot, Hampshire: Ashgate.
- Foucault, Michel (2000). Truth and Power. In *Essential Works of Michel Foucault, Vol. 3: Power*. Ed. P. Rabiow, JD Faubion. New York: New Press.
- Giddens, Anthony (2000). *O Mundo na Era da Globalização*. Lisboa: Presença.
- Habermas, Juergen (1981). *Theorie des kommunikativen Handels Bd. II: Zur Kritik der funktionalistischen Vernunft*. Frankfurt am Main.
- Habermas, Juergen & Derrida, Jacques (2003). February 15, or what binds Europeans together: A plea for a common foreign policy, beginning in the core of Europe, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, May 31st, 2003.
- Habermas, Juergen (2009). *Europe: The Faltering Project*. Cambridge: Polity Press.
- Hall, Stuart (2003). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio Janeiro: DP&A.
- Held, David; McGrew, A.; Goldblatt, D. & Perraton, J. (1999). *Global Transformations: Politics, Economics and Culture*. Cambridge: Polity Press.
- Jacoby, Russel ([1987] 1990), *Os últimos intelectuais*. São Paulo, Edusp.
- Kurzman, Charles & Leahey, Erin (2004). Intellectuals and Democratization, 1905-1912 and 1989-1996, *American Journal of Sociology*. 109: 4, pp. 937-986.
- McAdam, Doug; McCarthy, John D. & Zald, Mayer N. ([1996] 1999). *Movimientos Sociales: Perspectivas Comparadas*. Madrid: Istmo.
- McDonald, Kevin (2006). *Global Movements: Action and Culture*. Londres: Blackwell.
- Misztal, Barbara A. (2007). *Intellectuals and the Public Good: Creativity and Civil Courage*. Cambridge: Cambridge UP.
- Morin, Edgar & Nair, Sami (1997). *Uma Política de Civilização*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Pichardo, Nelson A. (1997), "New Social Movements: A Critical Review", *Annual Review of Sociology*. 23, pp. 411-430.
- Said, Edward ([1993] 2000). *As representações do Intelectual: As palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Colibri.
- Santos, Boaventura S. (2001). *Globalização: Fatalidade ou Utopia?* Porto: Afrontamento.
- Scherer-Warren, Ilse (2006). Das Mobilizações às Redes de Movimentos Sociais, *Sociedade e Estado*. 21: 1, pp. 109-130.
- Snow David A.; Soule, Sarah A. & Kriesi, Hanspeter (2004). *The Blackwell Companion to Social Movements*. Oxford: Blackwell.
- Touraine, Alain (1992). Beyond social movements, *Theory, Culture, and Society*. 9, 125-145.
- Touraine, Alain (2005). *Um Novo Paradigma: Para Compreender o Mundo de Hoje*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Wieviorka, Michel (2008). *Nove Lições de Sociologia: Como abordar um mundo em mudança?*. Lisboa: Teorema.

Notas

ⁱ E. Bloch, Prefácio d' *O Princípio Esperança* (1959): "Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? O que esperamos? O que nos espera?"

ⁱⁱ M. Castells profere conferência na Inglaterra (24.11.11) sobre How are Social Movements shaped by the availability of horizontal communication networks based on the Internet and wireless communication?

ⁱⁱⁱ Ver definição de Della Porta & Caiani (2009: 6), "Social movements are conceptualized as dense informal networks of collective actors involved in conflictual relations with clearly identified opponents, which share a distinct collective identity, using mainly protests as their modus operandi. In this sense, they tend to overlap, at least in part, with civil society actors, usually identified with a set of voluntary associations, distinct from both the state and the market and sharing some common, civic values" e de Snow et al (2004, p. 9): "[...] in order to have an understanding of social movements that is both more inclusive in terms of what gets counted as social movement activity, and yet more tightly anchored institutionally and culturally, we argue that movements be considered as challengers to or defenders of existing *institutional authority* – whether it is located in the political, corporate, religious, or educational realm – or patterns of *cultural authority*, such as systems of beliefs or practices reflective of those beliefs."

^{iv} Novos Movimentos Globais surgem a partir de 1999 em Seattle e com a criação em 2001 do Fórum Social Mundial em Porto Alegre.

^v Compare N. Pichardo (2007, p. 412): "Although there are different perspectives on NSMs, a set of core concepts and beliefs can be said to comprise the NSM paradigm. The central claims of the NSM paradigm are, first, that NSMs are unique and, as such, different from social movements of the industrial age. NSMs are said to be a product of the postmaterial age (some refer to it as mature capitalism or postindustrialism) and are seen as fundamentally different from the working class movements of the industrial period (Olofsson, 1988). NSM demands are believed to have moved away from the instrumental issues of industrialism to the quality of life issues of postmaterialism [...] NSMs are, in short, qualitatively different (Melucci, 1981)."

^{vi} P. Bourdieu (2001, p. 29) destaca na manifestação de Seattle "os princípios daquilo que poderiam ser os meios e os fins de uma acção política internacional na qual as aquisições da investigação seriam transformadas em manifestações políticas bem sucedidas ou até mesmo em instrumentos de intervenção rápida de uma nova forma de *agit prop*; aquilo que poderiam ser, de um modo mais geral, as estratégias de luta política de uma nova organização não governamental definida por um compromisso (*commitment*) total com o internacionalismo e uma adesão integral ao profissionalismo (*scholarship*).

^{vii} Ver 1º Princípio da Carta de Princípios do Fórum Social Mundial: "O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de ideias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na

construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra”. Recuperado em 20 de Abril, 2012, de <http://www.forumsocialmundial.org.br>.

^{viii} Ver Boaventura Sousa Santos ([2001] 2005, p. 73): “Pese embora a heterogeneidade os movimentos e organizações envolvidas, a contestação à Organização Mundial do Comércio aquando da sua reunião em Seattle, a 30 de Novembro de 1999, foi uma eloquente manifestação do que designo por cosmopolitismo. Foi seguida por outras contestações contra as instituições financeiras da globalização hegemónica realizadas em Washington, Montreal, Genebra e Praga. O Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre em Janeiro de 2001 foi outra importante manifestação de cosmopolitismo.”

^{ix} Ver Eyal & Buchholz, *From the Sociology of Intellectuals to the Sociology of Interventions* (2010: 124),

^x Recuperado em 15 de Maio, 2012, de

http://cultura.elpais.com/cultura/2012/02/22/actualidad/1329922234_215883.html.

^{xi} Compare S. Nair (1997, p. 228): “Resistir é o mesmo que denunciar o mal, salvaguardar o pouco de humanidade que resta – solidariedade e lucidez indispensáveis. [...] Hoje esta moral estoica de resistência reúne uma grande variedade de resistentes: crentes revoltados pela injustiça do mundo, revolucionários pacientes, intelectuais recuperados das suas ilusões, defensores amargos das memórias dos horrores na História, etc. [...] E ética estoica é a nossa razão de todos os dias [...]”

^{xii} Ver T. Judt (1998, p. 145), “the intellectual must always face the decision of how to act in a given situation – understanding is not sufficient.”

^{xiii} Ver os resultados da investigação de D. della Porta et al. (2009, p. 30): “[...], we assume that the printed media are one of the most important arenas of public claim-making, and that most actors will, at one stage or another, try to make their views public.”

^{xiv} Ver Manifesto “Nós somos Europa”. Recuperado em 3 de Maio, 2012, de <http://manifest-europa.eu/allgemein/wir-sind-europa?>

^{xv} Ver o apelo à liberdade do Manifesto: “Europa kann nicht ohne engagierte Europäer funktionieren, und Europäer können ihre Sache nicht tun, ohne die Luft der Freiheit zu atmen.” Recuperado em 15 de Maio, 2012, de <http://www.euractiv.de/wahlen-und-macht/artikel/wir-sind-europa-006260>.

^{xvi} Ver Goldfarb (2012, p. 161): “[...] [I]ntellectuals, have a role to play in the cultural life of politics, its possibilities of reinvention, the possibility that the power of culture can confront the culture of power in creative and democratic ways.”

^{xvii} Recuperado em 20 de Novembro, 2012, de <http://chronicle.com/article/Intellectual-Roots-of-Wall/129428>

^{xviii} “Indignation against corporate greed and economic inequality is real and deep. But at least equally important is the protest against the lack, or failure, of political representation.” Recuperado em 20 de Novembro, 2012, de <http://chronicle.com/article/Intellectual-Roots-of-Wall/129428>.

^{xix} “Either our government is going to become completely shrunken and dysfunctional, or we're going to start paying for civilization again.” Recuperado em 20 de Novembro, 2012, de <http://chronicle.com/article/Intellectual-Roots-of-Wall/129428>.

^{xx} “The arrest of hundreds of tired and unwashed kids, denied the freedom of a bullhorn and the right to protest on public streets, may well be the first real green-shoots of this, the American spring. And if nurtured right, it could well begin real change.” Recuperado em 20 de Novembro, 2012 de <http://chronicle.com/article/Intellectual-Roots-of-Wall/129428>.

^{xxi} Excerto do discurso de S. Žižek: “Não se apaixonem por si mesmos, nem pelo momento agradável que estamos tendo aqui. Carnavais custam muito pouco – o verdadeiro teste de seu valor é o que permanece no dia seguinte, ou a maneira como nossa vida normal e cotidiana será modificada. Apaixone-se pelo trabalho duro e paciente – somos o início, não o fim. Nossa mensagem básica é: o tabu já foi rompido, não vivemos no melhor mundo possível, temos a permissão e a obrigação de pensar em alternativas. Há um longo caminho pela frente, e em pouco tempo teremos de enfrentar questões realmente difíceis – questões não sobre aquilo que não queremos, mas sobre aquilo que QUEREMOS. Qual organização social pode substituir o capitalismo vigente? De quais tipos de líderes nós precisamos? As alternativas do século XX obviamente não servem.”